

O além dos mortos no aquém dos vivos¹

Dom Vicente Ferreira²

Resumo: No contexto das vítimas da Covid-19, o drama de pessoas que enfrentam tragédias e guerras, e como esses acontecimentos violentos se bifurcam em cenários dolorosos e de difíceis elaborações. Pensar a esperança para esse tempo, feito não só de números, mas de histórias reais, que necessitam ser contadas, recordadas, como testemunhas que ajudam na travessia desses difíceis tempos.

Palavras-chave: Morte, Pandemia, Esperança, Testemunha.

Abstract: In the context of the victims of Covid-19, the drama of people facing tragedies and wars, and how these violent events bifurcate in painful and difficult scenarios. Think of the hope for this time, made not only of numbers, but of real stories, which need to be told, remembered, as witnesses who help in the crossing of these difficult times.

Keywords: Death, Pandemic, Hope, Witness.

INTRODUÇÃO

A morte, em seus processos naturais, é sempre um evento que carrega consigo lutos complexos. Não somente a experiência derradeira, momento singular de cada pessoa, mas também aquelas perdas cotidianas, próprias de toda existência, são fenômenos que geram movimentos diversos. De modo que as dores de nossos lutos devem ser consideradas como processos que percorrem ciclos a serem encarados com responsabilidade. Em outros tempos, era comum refletir mais sobre essa realidade que diz respeito a tudo que é vivo e respira. No entanto, em nossa cultura contemporânea parece que o que mais impera é a tentativa de seu esquecimento. Certamente, em muitos aspectos, a Pandemia pela qual passamos nos confronta muito sobre isso. Ela expõe a vulnerabilidade de todos nós. Sobre os que morreram, perguntamo-nos: tratamos nossos mortos como cifras ou como pessoas com seus nomes e histórias? O que o além dos mortos conta no aquém dos vivos?

1 Texto enviado pelo autor, que retoma sua participação no “Ciclo de Debates Interfaces – Entre a vida e a morte”, no dia 10/11/2020, com o tema geral “Quem fica na memória de alguém não morre”, organizado pelo Grupo de Pesquisa “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea”, acessível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=8DeMFwVb2Jw&feature=youtu.be>

2 Bispo auxiliar de Belo Horizonte, responsável pelo Vicariato Episcopal para a Ação Missionária da Arquidiocese.

Na presente reflexão traremos para junto do contexto das vítimas da Covid-19 o drama de pessoas que enfrentam tragédias, guerras e de como esses acontecimentos violentos se bifurcam em cenários dolorosos e de difíceis elaborações. Falaremos aqui, sobretudo, de uma experiência particular que acompanhamos, Brumadinho. Desse modo, nossa narrativa está imbuída de uma inserção pastoral a partir do rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão, no dia 25 de janeiro de 2019, de responsabilidade da Vale, mesma mineradora responsável também pelo rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, em 05 de novembro de 2015. Esclarecemos, ainda, que esse pequeno escrito é núcleo de um projeto maior que pretende se transformar em livro. Esperamos que essas reflexões apressadas iluminem o contexto da Pandemia global pela qual atravessamos.

1 O LUTO E A LUTA EM CONTEXTOS PLURAIS DE VÍTIMAS SISTÊMICAS

“Tentaram enterrá-los, mas se esqueceram que eram sementes”

O coronavírus escancarou nossa vulnerabilidade e, de certa forma, implodiu parte das pretensões técnicas e científicas de uma cultura segura em seus destinos. Fomos expostos ao que temos de mais humano, ou seja, que “a finitude é morada comum, que implica a todos a partir do horizonte de um dom que espera o comprometimento livre do homem” (FERREIRA, 2015, p. 31). Não nos deteremos aqui somente nas tristes cifras de tantas vidas ceifadas pela Covid-19. Queremos alargar a reflexão para pensar em um sistema que produz, em larga escala, vítimas humanas e ambientais. São corpos feridos e mortos pela hegemonia de novas colonialidades que, em nome do lucro, matam³. O domínio pelo território já prevê o sacrifício de pessoas, trabalhadores, comunidades indígenas, quilombolas e populações ribeirinhas. Tudo isso impondo a terrível invisibilidade aos descartados da história e feridas profundas à mãe terra.

A experiência tem nos ensinado que, juntamente com o pedido de justiça, é necessário conservar a memória dos que foram mortos. Eles não podem ser esquecidos. “Não são números, são histórias”, escutamos e lemos em tantas reuniões, caminhadas etc. Acostumar-se com a morte da morte seria uma segunda morte ainda mais difícil. Justamente porque, se entramos em processos forçados de esquecimento, ela retorna no corpo, em sintomas de sofrimento. Por isso, aqui propomos o lembrar como ressignificação, em páscoa. O luto, quando acompanhado de um esforço de esquecimento, é caminho para o império das pulsões mortíferas. Pensamos que, nesse caso, o trajeto a ser percorrido é reconhecer o direito dos mortos no aquém dos vivos. Ainda mais se consideramos o jeito que foram arrancados da existência. Portanto, nesse caso a memória tem duas dimensões interligadas: a história singular de cada vítima e a forma coletiva criminosa pela qual suas vidas foram interrompidas.

3 Sobre essa questão das novas colonialidades, ver a obra de SANTOS, M. *Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Em uma recente antologia, *Horizontes de Perdão*, juntamente com Renê Dentz, colhemos 13 artigos, de escritores de 11 países, sobre o tema do perdão em cenários de guerra, crimes, tragédias etc. Brumadinho e Mariana aparecem como duas experiências. É possível destacar, desta obra, resumidamente, algumas coisas importantes que são transversais. Primeiro, não deixar morrer os mortos. São testemunhas! São lembrados sempre para que não se repita jamais o crime que ceifou ou mudou suas vidas. A indignação para com a morte violenta torna-se uma semente de profecia de um mundo novo. Em segundo lugar, os ritos, as vozes, a arte dos atingidos são elementos fundamentais. Não entregar aos algozes a narrativa daquilo ou de quem mataram. Em terceiro lugar, a justiça sem perdão é um processo insuportável e, por sua vez, o perdão sem justiça pode se transformar em fortalecimento de quem matou. Por fim, qualquer proposta, inclusive a de museus, que não leve a sério o fato de que o trauma tem algo de inesgotável, que não reconheça o perdão do imperdoável, aprisiona ainda mais quem sofre.

Além disso, a elaboração do luto, com seus processos de reparação, não pode se reduzir a questões individuais apenas. Ele tem dinâmicas de coletividade. Porque é “juntos” que se pode esperar a ressurreição, o outro corpo do trauma. O que permanece na memória ou se transforma em vida, através da luta, ou torna-se um trauma aberto como chaga exposta do sujeito e da comunidade. Se a primeira saída seria os acenos pascais, a segunda seria a sobreposição da própria morte, que chamamos de morte dos mortos. O fazer memória, no caso de Brumadinho, diz respeito a pelo menos três movimentos. Resgatar a lembrança de quem eram: trabalhadores, jovens, mulheres, que tinham sonhos, que pertenciam a uma comunidade e lutavam para sustentar uma família. Para que não se transformem em números, contamos suas histórias. A outra dimensão do luto é exatamente recordar o seu porquê. “Poderia não ter acontecido” é a constatação que agrava o sofrimento. Houve irresponsabilidade, negligência. Portanto, é necessário justiça e o grito para que nunca mais aconteça. Por fim, a terceira dimensão é a conclusão de que o sistema vitimário deve ser mudado. A luta deve ser pela busca de outras alternativas de vida que não a minériodependência.

A partir dessas considerações, temos convicção de que os atingidos devem ter espaço para suas narrativas serem compartilhadas. Eles portam certa antecipação messiânica na palavra que nasce como consequência do trauma. Para Carlos Mendoza, essas epistemologias são histórias de resistências. Elas vão desde a luta pela autonomia dos territórios, como é o caso de nossos povos originários, até a luta das minorias sexuais que buscam sair da invisibilidade imposta pelo patriarcado falocêntrico⁴. Mendoza recorda também o direito da ancestralidade que existe em comunidades primitivas. O luto não se trata apenas de uma dor que recorda a dureza de como as pessoas foram eliminadas. É importante a inserção de seus nomes em outro mundo, o além, mas que comunga com o mundo dos vivos, no aquém. Além do sentido trágico, é necessário reconhecer a autonomia daqueles que, de outro mundo, interpelam os vivos que carregam, no agora, a tarefa do rememorar e ritualizar a comunhão com

4 MENDOZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica*. Luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis: Vozes, 2020. Essa obra foi consultada em sua versão exclusiva para editores, por isso não é possível fazer suas citações completas.

os ancestrais que também forjam novos vínculos com a comunidade presente. É importante acrescentar, no caso de Brumadinho, que tal caminho de resistência não acontece sem perseguições por parte das mineradoras com suas estratégias coloniais que, a todo custo, tentam passar por cima de qualquer possibilidade de memória, justamente porque sabem que se trata de um material perigoso.

2 O GRITO QUE VEM DO CORPO DA MÃE TERRA

“As feridas causadas à nossa mãe terra são feridas que também sangram em nós”⁵.

Tudo está interligado, conectado na casa comum. Não é possível pensar a morte em contexto de tragédia socioambiental sem lançar um olhar também para os danos ecológicos. Para isso, a *Laudato Si'* é um documento fundamental sem o qual não podemos seguir adiante com a presente reflexão. O documento apresenta os graves problemas pelos quais passa nossa casa comum, como poluição, mudanças climáticas, questão da água, perda da biodiversidade. E, imediatamente, depois de apresentar a realidade, lembra da urgência de se pensar no Evangelho da Criação, considerando que tudo está interligado. Por isso, exige “preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (LS, 91).

Desse modo a crise ecológica tem raízes em crises humanas, sobretudo num sistema econômico que coloca o lucro acima da vida. Para pensarmos em Ecologia Integral é necessário compreender que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS, n. 139). A conversão exigida vem muito na linha do que a *Fratelli Tutti* propõe sobre a urgência de uma nova globalização da amizade e da solidariedade. “Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS, n. 240).

São inúmeros os ciclos interrompidos que terminam em gemidos de morte de toda a criação. Frutos não do acaso, mas de nossas escolhas irresponsáveis. As comunidades originárias, mais do que nossa cultura branca ocidental, sabem incluir em seus ritos de despedidas, a natureza. Como se confessassem, biblicamente, “no suor de teu rosto comerás o pão, até voltares ao solo do qual foste tirado. Porque tu és pó, e ao pó hás de voltar” (Gn 3, 19). O que queremos realçar, com isso, é que não podemos pensar os processos de lutos em tempos de tragédias e pandemias sem levar em conta a escuta atenta também das feridas da mãe terra.

5 PAPA FRANCISCO. Mensagem ao presidente da Colômbia, por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente).

3 DO TÚMULO VAZIO AO RENASCER PASCAL: O TESTEMUNHO DAS MULHERES

“Você não é passado, sem nome. É fragrância do jasmim, mais belo dentro de mim”
(FERREIRA, 2020, p. 90)

Avancemos um pouco em nossa reflexão, pensando num marco importante da Palavra de Deus. A experiência do túmulo vazio, depois da longa convivência com o senhor da vida, a dura realidade de sua despedida. “Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para embalsamar Jesus. E bem cedo, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, foram ao túmulo” (Mc 16, 1-2). Foram as mulheres, atraídas pela memória saudosa, que se destinaram ao lugar derradeiro daquele corpo crucificado, sem vida. Foram elas que não desistiram da lembrança. E por isso, removida a pedra do esquecimento, viram nascer o broto novo da ressurreição. “Ele ressuscitou” (Mc 16, 6). O retorno da vítima acontece na memória dos vivos por um dom que transborda. Ninguém é senhor da morte. E a força feminina representa bem esse espaço aberto de acolhida que se manifesta para além da morte.

Maria Madalena é nomeada como *Apostolorum apostola*. Uma senha da resistência de quem não desiste de acreditar. Mística da força feminina. O vivente, a vítima que matou a inimizade, inaugura a nova ordem do amor. No anúncio primeiro das mulheres, acontece a antecipação escatológica de um reino novo. A marca feminina da resistência, como Maria ao pé da cruz, que espera a novidade de um corpo já sem vida, é lacuna aberta por onde o mistério chega em sua novidade de ressurreição. Hoje também são tantas mulheres, como aquelas da Praça de Maio, em Buenos Aires, que há 40 anos procuram pelos filhos desaparecidos pela ditadura militar da Argentina. Como a mãe mexicana que há 20 anos procura pelos três filhos mortos pelo crime organizado. Também as de Brumadinho que procuram os 11 corpos ainda não encontrados na lama criminosa. “Não procuramos cadáveres, mas histórias”, afirmam.

CONCLUSÃO

“Nosso luto é verbo”

Ao concluirmos essa pequena fala, podemos reconhecer que a narrativa dos atingidos se dá entre o luto e a luta. Destacamos que o sangue dos que se foram, impulsiona novos sonhos, projetos de um mundo novo como testemunhamos na resistência dos quilombolas, no choro dos índios Pataxós pela morte do rio, na luta pelo alimento saudável da agroecologia, na formação do Coletivo dos Atingidos, na construção de um pacto, na insistência das famílias para que não sejam interrompidas as buscas dos corpos que não foram encontrados. Todos esses movimentos de vida, não são feitos sem a presença viva, na memória, das 272 pessoas que morreram.

BIBLIOGRAFIA

DENTZ, R.; FERREIRA, V. *Horizontes de perdão*. Aparecida: Ideias e Letras, 2020.

FERREIRA, V. *Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo*. Aparecida: Santuário, 2015.

FERREIRA, V. *Brumadinho, 25 é todo dia*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: M-1 edições, 2020.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica*. Luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis: Vozes, 2020.

FRANCISCO. *Laudato Si'*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Roma: Tipografia Vaticana, 2020.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2013.